

OLGA, DE FERNANDO MORAIS: MEMÓRIA HISTÓRICA DE UMA VIDA SOB REGIMES AUTORITÁRIOS

Giovana OLIVEIRA MENDES¹

Resumo: Este artigo propõe uma discussão sobre os temas memória histórica e autoritarismo, com base na obra literária *Olga*, de Fernando Morais. Publicada em 1985, pela editora Alfa-ômega, a referida biografia narra a vida de Olga Benario, judia comunista entregue em 1936 pelo governo autoritário e ditatorial brasileiro de Getúlio Vargas ao governo totalitário e fascista de Hitler, na Alemanha. Diante deste fato, torna-se necessário, através da memória histórica, realizar um resgate de acontecimentos importantes desse período, evidenciando os crimes que foram cometidos e revelando, à luz da literatura, o que a história oficial ocultou.

Palavras-chave: Memória. Autoritarismo. Olga Benario. Totalitarismo. Literatura.

Introdução

Com o objetivo de realizar uma análise de questões como memória histórica e autoritarismo presentes em uma obra literária, encontramos na biografia escrita pelo jornalista e escritor brasileiro Fernando Morais sobre a vida de Olga Benario, intitulada *Olga*, diversas passagens nas quais esses temas estão presentes.

Para iniciar esta reflexão, abordamos no primeiro tópico do artigo a questão da memória histórica associada à literatura. Utilizando teorias de autores como: MITRE (2001), KOHUT (2011), Le GOFF (1990), BENJAMIN (1985), entre outros, relacionamos os escritos literários, principalmente no que se refere a biografias com a memória histórica, mostrando a importância desse tipo de relato para a preservação do passado e a revelação de episódios *esquecidos* pela história oficial.

No segundo tópico, ao selecionarmos alguns trechos da obra *Olga*, no período em que a protagonista, defensora das causas do operariado de Munique, entra para a Juventude comunista, também fazemos um paralelo com o surgimento do Nazismo na Alemanha. Esse período é fundamentado através de teorias de SCHWARZ (2008) e COBRA (2011).

O terceiro tópico mostra o período em que Olga permaneceu na URSS, sendo que a partir daí sua militância política se intensificou cada vez mais. Nessa passagem também se

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) – Santa Maria/RS – Brasil. Endereço eletrônico: giovanaespanol@gmail.com

destaca o início da relação de Olga e Prestes, seu futuro companheiro, além de serem abordadas ideias de ARENDT (1997) acerca do regime totalitário da Rússia Stalinista.

Em seguida, no quarto tópico, são registrados alguns trechos de *Olga*, os quais remetem ao período em que a protagonista e seu companheiro estão no Brasil, empenhados em fazer a Revolução, que mais tarde ficou conhecida como *Intentona Comunista*. Após a descrição desses acontecimentos, são expostas as conseqüências provocadas pelo fracasso do movimento, as quais foram desencadeadoras do destino final de Olga. Aqui também é feita uma análise do governo autoritário de Getúlio Vargas, fundamentada através do conceito de BOBBIO (1997) sobre o caráter absoluto do poder ditatorial.

No último tópico, têm-se o período mais dramático vivido pela protagonista, a qual é submetida às mais duras provações em campos de concentração nazistas para finalmente encontrar seu destino final, em Bernburg. Neste contexto, novamente nos valem da teoria de ARENDT (apud BOBBIO, 1997) para identificar em *Olga* trechos que classificam o Nazismo como um regime totalitário de ideologia fascista.

Memória Histórica e Literatura

Sabemos que a história transcorre com o tempo, sem nenhuma limitação, como se fosse uma linha reta; ela simplesmente acontece, sem interrupções. O problema é que jamais saberíamos determinados fatos do passado se não tivéssemos quem nos contasse ou se não possuísssemos acesso às informações escritas desses episódios.

De acordo com MITRE (2001), o principal objetivo da história é o registro e a explicação dos fatos, e poderíamos acrescentar que a literatura, em alguns casos, como nas biografias, também se preocupa com essas questões, além de outras, como a forma, o estilo e a linguagem.

Neste sentido, observamos que pode ser estabelecida uma ponte entre a história e a literatura, pois a segunda seria a escrita da primeira, e para que o relato seja possível, o historiador e o escritor têm de recorrer à memória histórica, seja através de testemunhos de pessoas que viveram no período retratado ou de documentos que comprovem os acontecimentos da narrativa a ser escrita.

Na obra biográfica *Olga*, o jornalista e escritor Fernando Morais tem a preocupação de relatar os fatos da forma mais próxima da realidade da época e para isso, ele busca

informações nas mais diversas fontes, desde os documentos da historiografia do movimento operário brasileiro até os depoimentos concedidos pelo companheiro de Olga, Luís Carlos Prestes e por pessoas que conviveram com ela sob o regime nazista.

Por intermédio dessas pessoas e dos documentos encontrados, o autor fez o que se chama *realização simbólica*, segundo BRAYLAN (s.d.), ou seja, construiu o discurso da memória.

Sabemos, porém, que a construção do discurso da memória não é o fato tal qual ocorreu no passado e inclusive pesquisadores como Norberto Bobbio e Ivan Izquierdo concordam com a premissa de que “entre o ocorrido e o lembrado há uma lacuna subjetiva que precisa ser considerada” (SOARES, 2010). Com isso, sugerem que a literatura de testemunho correria o risco de perder a credibilidade dos leitores por não tratar de acontecimentos reais, mas do que é lembrado a partir desses acontecimentos.

Pode haver também a manipulação daquilo que deve ser lembrado e isso é o que geralmente ocorre na história oficial quando se trata de reconstituir a memória coletiva. Segundo SOARES (2010), neste caso,

certos aparelhos ideológicos podem funcionar na contramão de outras histórias possíveis, pois operariam no sentido de promover o esquecimento de determinados fatos, isso não sem antes manipular o que deve ser constantemente lembrado. (SOARES, 2010)

Se analisarmos as relações entre a literatura e a memória sob o ponto de vista dos autores do passado, poderemos perceber que tanto eles quanto os atuais escrevem para o futuro, como tentativa de preservar a identidade de um povo. Nesse aspecto, KOHUT (2011) comenta que

la noción de memoria no se restringe al pasado, sino que se abre hacia el presente e incluso hacia el futuro. Desde la Antigüedad hasta el Renacimiento, los poetas estaban convencidos de escribir para el futuro, para que hubiera memoria de sus obras y memoria de las cosas que relataban.² (KOHUT, 2011)

Como exemplo disso, KOHUT (2011) cita a obra *Eneida*, a qual serviu de modelo para os autores do Renascimento, os quais tentavam inventar um passado heróico para seus povos. Segundo o mesmo autor, podemos observar um processo semelhante nas jovens

² A noção de memória não se restringe ao passado, mas se abre em direção ao presente e, inclusive, em direção ao futuro. Desde a antiguidade até o Renascimento, os poetas estavam convencidos a escrever para o futuro, para que houvesse memória de suas obras e das coisas que relatavam. (tradução livre)

repúblicas da América Latina, cujos autores tentaram – através da historiografia e da literatura – construir uma memória coletiva que pudesse servir de base para sua identidade histórica.

Já no caso de Fernando Morais, este vai além da historiografia oficial sobre o período em que viveu Olga Benario, retratando, através da literatura, o lado dos vencidos, daqueles que foram vítimas de regimes autoritários. Essa abordagem está de acordo com o que Walter Benjamin considerou a melhor forma de se escrever a história, ou seja, segundo BENJAMIN (1985):

Em lugar de apontar para uma ‘imagem eterna do passado’, como o historicismo, ou, dentro de uma teoria do progresso, para a de futuros que cantam, o historiador deve constituir uma *experiência (Erfahrung)* com o passado.³ (BENJAMIN, 1985).

Citando Heródoto como *o pai da história*, BENJAMIN, na referida obra comenta que:

[...] Seu relato é dos mais secos. Por isso essa história do antigo Egito ainda é capaz, depois de milênios, de suscitar espanto e reflexão. Ela se assemelha a essas sementes de trigo que durante milhares de anos ficaram fechadas hermeticamente nas câmaras das pirâmides e que conservam até hoje suas forças germinativas. (BENJAMIN, 1985)

Com isso, ele evidencia que Heródoto sabe contar uma história sem dar explicações definitivas, que ele deixa que a história admita diversas interpretações diferentes, permanecendo assim, aberta para futuras leituras.

Além disso, BENJAMIN defende a posição do cronista que narra os acontecimentos de maneira a não distinguir entre os grandes e os pequenos, pois acredita que nada do que aconteceu no passado pode ser considerado perdido para a história.

A partir desse pensamento, pode-se avaliar a importância de se escrever uma obra biográfica levando-se em conta esse aspecto abrangente da história. Em uma obra ficcional que não esteja baseada em fatos reais, poderia ser irrelevante pensar em um discurso que abarcasse várias versões do mesmo fato, pois não há um compromisso com a representação da vida real. Por outro lado, em uma obra biográfica, seria necessário ter essa visão ampla dos acontecimentos, sem privilegiar ou desmerecer determinadas posições ideológicas; assim, seria possível chegar a uma versão mais próxima da realidade e colaborar verdadeiramente com a preservação da memória histórica.

³ Este fragmento faz parte da Tese 16 de Walter Benjamin, na obra *O Narrador*. (BENJAMIN, 1985)

Fernando Morais, em *Olga*, apesar de centrar a atenção nos acontecimentos relacionados à protagonista e a sua relação com Luís Carlos Prestes e com o partido comunista, não os coloca como heróis o tempo todo, mas apresenta em certos momentos o contraponto. Um exemplo disso está em passagens em que ele mostra o alto preço pago pelos comunistas por sua fidelidade incondicional à URSS. Em nome do partido, executavam tarefas absurdas, como usar identidades falsas, enganar a polícia realizando passeatas proibidas, mudar de casa e até mesmo de país quando necessário, participar de cursos paramilitares e até mesmo executar sem piedade os traidores do partido, como aconteceu com a jovem Elvira Colônio. Além disso, o autor descreve o fracasso do levante militar dirigido por Prestes, conhecido mais tarde como *Intentona Comunista*.

Nessa obra, há, além da descrição minuciosa de tempo e espaço – instâncias diretamente relacionadas à memória – a transcrição de cartas trocadas entre Olga e Prestes, assim como fotos e documentos, como, por exemplo, os passaportes dos dois (passaportes falsos que foram apreendidos após a prisão dos dois no Brasil).

Acredita-se que as fontes documentais na literatura de testemunho são um eficiente artifício para dar credibilidade à história narrada, pois representam imgeticamente uma realidade que já não existe mais, porém, que, a partir delas, pode ser visualizada mais nitidamente pelo leitor, auxiliando-o a reconstruir em sua imaginação aqueles locais descritos e as próprias personagens de forma mais precisa.

Com isso, volta-se a analisar a importância da história aberta defendida por BENJAMIN, a qual poderia estar no fato de

salvar o passado no presente, graças à percepção de uma semelhança que transforma os dois. Transforma o passado porque este assume uma nova forma, que poderia ter desaparecido no esquecimento; transforma o presente porque este se revela como realização possível da promessa anterior – uma promessa que poderia se perder para sempre, que ainda pode ser perdida se não for descoberta e inscrita nas linhas atuais. (GAGNEBIN, 1985 apud SOARES, 2010).

Neste sentido, o ato de escrever sobre o passado demonstra o quanto a literatura se identifica com a memória, evidenciando a relevância das obras escritas.

Le GOFF (1990) sintetiza a ideia que supomos ser a mesma dos autores que escrevem biografias. Ele afirma:

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de

forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (Le GOFF, 1990)

A partir do exposto, percebemos a grande influência que tem o escritor e, conseqüentemente, a literatura na preservação do passado histórico; influência esta que KOHUT (2011) evidencia ser muito maior e visível segundo o impacto de suas obras. Ele define os escritores como *trabalhadores da memória*.

Sendo assim, podemos afirmar que a obra *Olga* serviria como testemunho de fatos passados que até o momento de sua escrita não haviam sido revelados, e seu autor seria um *trabalhador da memória*, no sentido de resgatar o que poderia ser esquecido ou pouco valorizado pela história. Além disso, estaria presentificando o passado e até mesmo construindo um novo olhar sobre ele.

No caso da obra *Olga*, por se tratar de uma biografia, a narrativa está centrada na protagonista Olga Benario, em todas as suas peripécias e ações realizadas em nome de um ideal: acabar com as desigualdades sociais e empreender uma luta que levasse à tomada do poder pelos comunistas. Olga acreditava desde muito jovem que, dedicando-se cada vez mais à causa comunista poderia ajudar de forma mais efetiva ao operariado alemão, o qual estava à beira da miséria em meados de 1923. (MORAIS, 1985, p. 17). Posteriormente, esse ideal se estendeu a todos os povos trabalhadores e injustiçados, de qualquer parte do mundo.

Segundo seu autor, apesar de Olga ter vivido no Brasil de 1935 a 1936, no país não havia muitas informações sobre isso. E quando havia referência a ela, era sempre associada à figura de seu companheiro Luís Carlos Prestes. Contudo, nesta obra biográfica, podemos perceber que seu papel na história não foi secundário. Olga não foi apenas a *esposa de Prestes*, como ela gostava de dizer, mas foi a encarregada da segurança do *Cavaleiro da Esperança* quando saíram de Moscou com destino ao Rio de Janeiro; foi também sua colaboradora na organização do movimento revolucionário no Brasil e sua protetora no momento em que os policiais o encontraram para prendê-lo. Ao jogar-se a sua frente, impediu que os policiais atirassem em Prestes. (MORAIS, 1985, p. 151).

É importante salientar que a trajetória de vida de Olga Benario no Brasil durante a ditadura de Getúlio Vargas teve importância não somente por estar relacionada à do brasileiro Luís Carlos Prestes. Olga, sendo judia e comunista, teve sua liberdade tolhida e sua vida entregue a um dos maiores regimes totalitários do mundo: o Nazismo alemão. E esse fato jamais poderá ser esquecido. Como já foi mencionado anteriormente, a literatura, neste

aspecto, tem um papel relevante, já que, através da escrita, não deixa desaparecer essa e outras histórias.

Também é necessário analisar essa biografia em passagens que se referem aos regimes autoritários sob os quais a protagonista foi vítima. Tal assunto será abordado nos tópicos seguintes.

A adesão de Olga à Juventude comunista e o surgimento do nazismo na Alemanha

Segundo MORAIS (1985, p. 15), Olga Benario tinha apenas 15 anos quando decidiu ingressar na Juventude Comunista, em Munique, no ano de 1923. Seu grupo, denominado Schwabing, era clandestino e se localizava em um subúrbio da capital da Baviera. Sua motivação inicial veio da observação do trabalho de seu pai, um advogado social-democrata que defendia gratuitamente a causa dos operários que não tinham condições de pagá-lo. E foi em meio à crise do país, efeito da primeira guerra mundial, que Olga decidiu lutar em benefício dos miseráveis para que houvesse igualdade social. Ela costumava dizer que “a luta de classes ia visitar-me todos os dias em casa.” (MORAIS, 1985, p. 17)

A partir daí, Olga deixou de ser uma *burguesinha entediada*, transformando-se pouco a pouco em uma militante ousada e até mesmo imprudente, como diziam alguns de seus companheiros da Juventude.

O ano de 1923 na Alemanha foi decisivo para o surgimento do que se tornaria um dos mais violentos regimes autoritários da história: o Nazismo de Hitler.

Segundo SCHWARZ (2008):

Em 21 de dezembro, o Partido Comunista Alemão (KPD), em estreita colaboração com a Internacional Comunista (Comintern ou, ainda, III Internacional), preparou uma insurreição e cancelou-a no último minuto. Trotsky, depois, falou de ‘um clássico exemplo de como é possível perder uma situação revolucionária excepcional de importância histórica e mundial. (SCHWARZ, 2008)

O autor comenta que a derrota alemã de 1923 teve consequências proeminentes. Esse fato fez com que a burguesia alemã consolidasse seu domínio e estabilizasse a situação por seis anos. Quando a próxima grande crise irrompeu, em 1929, a classe operária foi totalmente desorientada pela direção Stalinista do KPD. Isso induziu diretamente aos eventos fatais que culminaram na ascensão de Hitler ao poder.

No final de 1923, Olga, que estava trabalhando como vendedora em uma livraria, veio a conhecer Otto Braun, professor e militante, com grande experiência na ação armada. Através dele, Olga passou a ler, além dos teóricos indispensáveis a sua formação comunista, alguns jornais e revistas de grupos marxistas de Berlim. (MORAIS, 1985, p. 18-19). Logo, veio a decisão de mudarem-se para Berlim (já como namorados) e lá eles usaram identidades falsas para não serem reconhecidos como militantes comunistas. Olga, neste momento, passou a ser a secretária de Agitação e Propaganda da mais importante base operária do PC alemão, o bairro vermelho de Neukölln. (MORAIS, 1995, p. 22).

Neste contexto, os grupos nazistas de Berlim já tentavam atrapalhar o trabalho dos comunistas que se reuniam no bairro de Kreuzberg para aulas teóricas de marxismo. Além de interromperem as aulas, insultavam os comunistas de forma desrespeitosa e agressiva (MORAIS, 1985, p. 25). Porém, até esse momento, Olga ainda acreditava que deveriam atrair esses jovens para suas ideias, ao invés de enfrentá-los. Percebendo, no entanto, que de nada adiantava a doutrinação, resolveu acatar a ideia de seus companheiros: (...) “ela própria decidiu participar da intervenção. Bastou uma única sessão de sopapos, ministrados por moças e rapazes, e os nazistas sumiram.” (MORAIS, 1985, p. 26).

No início de 1926 a repressão contra os comunistas estava aumentando, inclusive foram proibidas as manifestações de rua. Segundo MORAIS (1985, p. 28), “a atividade política crescia na mesma proporção em que a direita se organizava.” O Partido Nazista aumentava sua pregação junto à classe média e a setores do operariado e os comunistas multiplicavam cada vez mais suas células.

A ligação de Olga com Otto fez com que ela também se tornasse alvo da polícia. Os dois foram presos, porém, a acusação que pesava sobre ele era bem mais grave: “suspeita de alta traição à Pátria.” (MORAIS, 1985, p. 30).

Depois de dois meses na prisão, Olga foi solta e logo tratou de armar um plano para libertar Otto. No ano de 1928, no qual haveria o julgamento de Otto Braun, foi nomeado um juiz de extrema direita para chefiar a corte que julgaria Otto. Essa atitude certamente comprometeria o PC aos olhos da opinião pública, “imputando-lhe atos de traição à Alemanha e de espionagem em favor da União Soviética.” (MORAIS, 1985, p. 36).

Nessa passagem da obra, Fernando Morais mostra a extrema coragem e ousadia da protagonista, que, com a ajuda de militantes do Partido, invadiu a prisão de Moabit, em Berlim, e no auditório em que Otto seria julgado, exigiu a soltura do preso. Com armas

descarregadas, Olga e seus companheiros renderam os guardas da prisão e libertaram Otto. (MORAIS, 1985, p. 2).

Nos trechos de *Olga* apontados acima, o autor já indica as relações que existiam entre os nazistas e os comunistas na época retratada. Segundo COBRA (2011):

A ameaça de internacionalização do comunismo após a revolução russa de 1917 foi responsável pelo surgimento de governos fortes, ditatoriais ou não, em praticamente todos os países mais adiantados. Enquanto em alguns ocorreu apenas um endurecimento quanto a grupos ativistas socialistas, em outros se instalaram ditaduras cujas ideologias ou se opunham frontalmente às propostas comunistas, ou buscavam neutralizá-las com medidas de segurança nacional no bojo de um projeto político com forte apelo às massas (o fascismo de Mussolini, o justicialismo de Peron, o sindicalismo de Vargas). O nazismo foi uma proposta de oposição frontal. (COBRA, 2011)

De acordo com o mesmo autor, o Nazismo nasceu na Alemanha em 1919 e foi liderado por Adolf Hitler a partir de 1920. Seu objetivo principal era unir o povo de descendência alemã, considerado de *raça superior*, a sua pátria histórica.

Tal raça, reunida, governaria os povos subjugados (considerados inferiores, como os judeus, comunistas, homossexuais, etc.), “com a eficiência e a dureza requerida conforme seu grau de civilização.” (COBRA, 2011)

Olga, sendo judia e comunista, seria, portanto, um dos principais alvos dos nazistas como demonstra Fernando Morais em passagens posteriores da narrativa.

Olga em Moscou e a Rússia Stalinista

Após o episódio da prisão de Moabit, Otto e Olga fugiram para Moscou. Lá, passaram a conviver com outros jovens estrangeiros a serviço do KIM⁴. Durante o tempo em que permaneceu em Moscou, Olga recebeu missões importantes, de nível internacional. Inclusive foi destacada como membro do mais alto degrau da hierarquia de uma organização comunista. (MORAIS, 1985, p. 45). Também iniciou seu treinamento militar e foi nesse período que ficou conhecendo aquele que seria seu futuro companheiro: Luís Carlos Prestes.

Afastada de Otto há algum tempo em função das inúmeras tarefas às quais estava comprometida, Olga recebeu uma missão que a aproximaria cada vez mais de Prestes. Ela

⁴ *Kommunisti Internazionali Molodoi*, uma versão do Comintern para a Juventude Comunista Internacional.

seria a responsável pela segurança do *Cavaleiro da Esperança* no retorno ao seu país de origem: o Brasil.

Percebemos nas passagens descritas, mais precisamente nesse período em que Olga permaneceu em Moscou, que a personagem se envolve cada vez mais com a ideologia comunista, mas, se analisarmos melhor – de acordo com o período histórico – veremos que Olga também passou a viver dentro de um regime totalitário, pois, segundo o que defende ARENDT (apud BOBBIO, 1997), a Rússia Stalinista de 1930 em diante já pode ser considerada totalitária. Neste caso, nos referimos ao Totalitarismo *comunista*, que, segundo BOBBIO (1997), se constitui da mesma ideologia comunista, a qual:

[...] é um conjunto de princípios, coerente e elaborado, que descreve e orienta para uma transformação total da estrutura econômico-social da comunidade; [...] é humanística, racionalista e universalista: seu ponto de partida é o homem e sua razão – é por isso que ela assume a forma de um credo universal que abrange todo o gênero humano. A ideologia comunista pressupõe a bondade e a perfectibilidade do homem e tem em mira a instauração de uma situação social de plena igualdade e liberdade: neste quadro a ‘ditadura do proletariado’ e a violência são simples instrumentos, necessários, mas temporários, para alcançar o escopo final. A ideologia comunista, enfim, é revolucionária, apresenta-se como a herdeira dos ideais do Iluminismo e da Revolução Francesa, aos quais pretende dar um efetivo conteúdo econômico e social com uma revolução profunda da estrutura da sociedade. (BOBBIO, 1997)

Porém, de acordo com o mesmo autor, no que se refere ao comunismo, em sua história complexa, a prática totalitária foi realizada apenas no regime Stalinista. Com isso, ele deixa claro que o comunismo não é um fenômeno necessariamente totalitário por natureza.

Quanto ao regime totalitário, abordaremos seus traços principais quando analisarmos a ascensão do nazismo, no último tópico.

A partir de agora, passaremos ao período em que as personagens Olga e Prestes viveram juntos no Brasil sob a ditadura do governo de Getúlio Vargas.

A revolução que fracassou: Olga no Brasil autoritário de Vargas

O momento retratado por Fernando Moraes, no qual Olga e Prestes chegam ao Brasil, após uma longa viagem pela Europa, corresponde ao ano de 1935, período em que Getúlio Vargas já governava sob uma Constituição (a de 1934). Instruídos pela União soviética,

muitos comunistas, de várias partes do mundo, como Olga e Prestes, passaram a viver no Brasil (principalmente no RJ) com o objetivo de fazer a tão sonhada revolução.

Porém, a mesma fracassou e, a partir desse momento, os comunistas encontrados pela polícia que permaneceram no país, foram perseguidos pelo governo, presos e torturados – como o casal Ewert, que foi submetido aos tratamentos mais brutais no Morro de Santo Antônio – (MORAIS, 1985, p. 123-124). Apesar de o Estado Novo ter sido instalado em 1937, um ano antes já se praticavam ações de cunho ditatorial.

O mais temido representante da polícia do Distrito Federal (nessa época, no Rio de Janeiro), responsável pela disseminação do terror entre os comunistas, foi o capitão Filinto Müller, o qual estava investido de poderes absolutos, em função do *estado de sítio* decretado por Vargas.

Neste contexto, Prestes, como o maior responsável pela tentativa de levante militar, tornou-se o principal alvo da polícia, e Olga, como sua companheira, naturalmente, acabou sendo detida posteriormente.

Porém, o agravante de Olga era sua origem, pois, além de comunista, ela era judia. E em um período em que a política autoritária de Vargas estava de acordo com o Nazismo alemão, foi fácil para o governo encontrar um *motivo* para sua não permanência no Brasil. A Lei de Segurança Nacional estabelecia que os estrangeiros perigosos à ordem pública e nocivos aos interesses do país deveriam ser expulsos do território nacional. Mas, na verdade, o caso de Olga era outro. Segundo MORAIS (1985, p. 197) havia interesses pessoais de Getúlio Vargas nessa questão.

Quanto mais Heitor Lima⁵ remexia as montanhas de depoimentos e denúncias do processo da revolta, tanto mais se materializava a certeza de que a decisão da expulsão se resumia a uma vingança pessoal de Getúlio Vargas e Filinto Müller. Não contra ela, que nenhum dos dois conhecia, mas contra o marido e pai de seu filho, Luís Carlos Prestes. Não havia em todo o processo, uma só acusação, uma única imputação de qualquer delito que ela pudesse ter praticado no Brasil. Nem sequer sua extradição havia sido pedida pelo governo de Adolf Hitler. (MORAIS, 1985, p. 197)

Olga Benario Prestes, grávida de sete meses, foi embarcada no navio *La Coruña*, no dia 23 de setembro de 1936, rumo a Hamburgo, no norte da Alemanha. E o mais absurdo foi que isso ocorreu mesmo sendo contra todas as leis internacionais de navegação, graças à ordem de embarque dada pelo presidente Getúlio Vargas. (MORAIS, 1985, p. 218).

⁵ Advogado encarregado do caso de Olga.

Essa atitude do governo Vargas pode ser vista como autoritária e, mais precisamente, como informa BOBBIO (1997), de caráter extremamente absoluto do poder ditatorial. O autor assim define esse regime de governo:

O governo ditatorial não é refreado pela lei, coloca-se acima dela e transforma em lei a própria vontade. Mesmo quando são mantidas ou introduzidas normas que resguardam nominalmente os direitos de liberdade, ou limitam de outra forma o poder do Governo, estas normas jurídicas são apenas um véu exterior, com escassa ou nenhuma eficácia real, que o Governo ditatorial pode ignorar com discrição mais ou menos absoluta, recorrendo a outras leis que contradizem as primeiras ou que criam exceções, utilizando poderosos organismos políticos subtraídos ao direito comum ou invocando diretamente pretensos princípios superiores que guiam a ação do Governo e que prevalecem sobre qualquer lei. (BOBBIO, 1997)

Neste contexto, a protagonista tem sua vida e a de seu filho entregues - contra a sua vontade e contra a lei - por um governo autoritário e ditatorial a um governo de regime Totalitário: o nazismo.

Olga Benario sob o regime totalitário nazista da Alemanha

O ano de 1936, ano em que Olga chegou à Alemanha, já correspondia a uma realidade diferente daquela vivida pela protagonista no tempo de sua adesão à Juventude Comunista. Agora, a situação era outra, pois o partido nazista já estava no poder desde 1933, constituindo um governo totalitário, chefiado pelo seu único líder Adolf Hitler.

O Totalitarismo, segundo a teoria clássica de ARENDT (apud BOBBIO, 1997) se caracteriza por ser uma forma de dominação

radicalmente nova porque não se limita a destruir as capacidades políticas do homem, isolando-o em relação à vida pública, como faziam as velhas tiranias e os velhos despotismos, mas tende a destruir os próprios grupos e instituições que formam o tecido das relações privadas do homem, tornando-o estranho assim ao mundo e privando-o até de seu próprio eu. (ARENDT apud BOBBIO, 1997)

Na biografia de Olga Benario, todos esses traços aparecem, pois o confinamento a que é submetida nos campos de concentração em que permanece, priva-a de todo o contato social que possuía; seu único consolo são as raras cartas que recebe de Prestes e da mãe dele; pois, na maioria das vezes, elas não são entregues. Até mesmo sua aparência é modificada. Cortam-lhe o cabelo já na entrada da prisão de mulheres da Gestapo, em Barnimstrasse. Nessa

passagem, um oficial diz: “Vamos cortar seu cabelo para evitar a propagação de piolhos. Você sabe, isto é muito comum em judeus e comunistas.” (MORAIS, 1985, p. 224)

Segundo o autor, ao tentar saber de que crime estava sendo acusada, Olga ficara sabendo que não havia nenhuma imputação formal contra ela. Mas ela sabia que os motivos que a tinham levado à cadeia “não prescreveriam jamais sob o nazismo: ser judia e comunista.” (MORAIS, 1985, p. 227)

De acordo com BOBBIO (1997), o Totalitarismo de ideologia fascista, como é o caso do Nazismo,

pressupõe a corrupção do homem e tem em mira a instauração do domínio absoluto de uma raça acima de todas as outras: a ditadura, o *Führerprinzip* e a violência são princípios de governo permanentes, indispensáveis para manter sujeitas e para liquidar as raças inferiores. (BOBBIO, 1997)

Portanto, sob tal regime, a protagonista sofre as mais duras privações, humilhações, torturas físicas e psicológicas. Até mesmo sua filha, um ano após seu nascimento, lhe é tirada. Felizmente, Anita é entregue à avó (mãe de Prestes) e à cunhada de Olga, Lígia. (MORAIS, 1985, p. 244)

Olga Benario viveu os últimos anos de sua vida nos campos de concentração de Barnimstrasse, Lichtenburg, Ravensbrück, e teve um trágico fim em uma câmara de gás, em Benburg, em 1942.

Prestes saiu da prisão em 18 de abril de 1945, data em que o presidente Getúlio Vargas assinou o decreto que concedia anistia aos presos políticos. (MORAIS, 1985, p. 287). Logo ficou sabendo da morte de sua companheira e somente muitos anos depois é que ele receberia a última carta que Olga escrevera a ele e à filha na véspera de sua transferência para Bernburg.

Considerações finais

A biografia de Olga Benario, escrita por Fernando Morais, não apenas resgata o passado histórico da passagem de Olga pelo Brasil – fato que por muito tempo foi considerado irrelevante – mas sendo a biografia de *uma* das vítimas do nazismo Hitleriano e da ditadura de Vargas, narra sua história ao mesmo tempo em que abrange a todos os seres humanos que tiveram suas vidas destruídas em função desses regimes autoritários.

Ao ler esta biografia, percebemos que a ideologia fascista desses governos, nem ao menos considerava a humanidade das pessoas. Os interesses políticos e econômicos se sobrepunham acima de tudo, transformando seres humanos em objetos, *coisificando-os*, como bem expressa o pensamento de ADORNO (1994).

Essa obra, portanto, além de literária, possui um caráter social de extremo valor para a preservação da memória histórica e também como denúncia de fatos que jamais deveriam ter ocorrido, mas na medida em que não puderam ser impedidos, ao menos puderam ser relatados.

Fernando Morais, ao dedicar-se à pesquisa e à escrita dessa biografia, tornou público um fato que até então fora negado pela história: a intolerância e a injustiça cometida pelo governo Vargas como principal evento responsável para que Olga Benario tivesse o destino trágico que teve. E a Literatura, neste sentido, torna-se de extrema relevância por ser um meio pelo qual outras versões da história têm a possibilidade de virem à tona. Além da função estética, a Literatura assume, dessa forma, um papel social.

Agradecimentos: Agradeço à professora Rosani Umbach pela orientação e pelas indicações de leitura que me auxiliaram neste artigo sobre a biografia de Olga Benario, o qual também se torna relevante para a escrita de minha Dissertação de Mestrado.

Olga, by Fernando Morais: historical memory of a life under authoritarian regimes

Abstract: *This article proposes a discussion about the themes of historical memory and authoritarianism, based on the literary work Olga, by Fernando Morais. Published in 1985, by Alpha-Omega, this biography tells the life of Olga Benario, jewish communist delivered in 1936 by the government authoritarian and dictatorial brazilian of Getulio Vargas to totalitarian and fascist government of Hitler, in Germany. Given this fact, it becomes necessary, through the historical memory, recover important events of this period, showing that crimes were committed and revealing, through the light of the literature, what the official History hidden.*

Keywords: *Memory. Authoritarianism. Olga Benario. Totalitarianism. Literature.*

Referências

ADORNO, T.; COHN, G. (Org.) **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1994.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. (Obras escolhidas, 1). In: GAGNEBIN, Jeanne. **Walter Benjamin ou a história aberta**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BOBBIO, N. *et al.* **Dicionário de política**. Tradução de VARRIALE *et al.* 9.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

COBRA, R. **Nazismo**. Páginas sobre temas e correntes da filosofia. Disponível em: <http://www.cobra.pages.nom.br/ftm-nazismo.html>. Acesso em: 01 dez 2011.

KOHUT, K. **Literatura y memoria**. Universidad Católica de Eichstätt, Alemanha. Disponível em: <http://istmo.denison.edu/n09/articulos/literatura.html>> Acesso em: 26 set 2011.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: editora da Unicamp, 1990.

MELAMEDOFF, S. **Medicina Psicosocial: lectura psicoanalítica**. Tomo II, perspectivas contemporâneas. [s.d.] In: BRAYLAN, Marisa. **El delito de genocidio: la construcción de un discurso de la memoria**. Disponível em: <http://www.silmel.com.ar/docs/tomo2.pdf>>. Acesso em: 28 nov 2011.

MITRE, A. **Historia: memória y olvido**. Biblioteca virtual de ciencias sociales. Jan 2001. Disponível em: www.cholonautas.edu.pe>. Acesso em: set 2011.

MORAIS, F. **Olga**. 3.ed. São Paulo: Editora Alfa - Omega, 1985.

SCHWARZ, P. **O outubro alemão: a revolução perdida de 1923**. Disponível em: <http://www.wsws.org/pt/2008/dec2008/ale1-d08.shtml>> Acesso em: 30 nov 2011.

SOARES, D. **O trabalho da memória: entre a história e o testemunho**. Revista eletrônica Literatura e Autoritarismo, dossiê literatura de minorias e margens da história, nov 2010. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie04/>>. Acesso em: 15 jun 2011.

Sua pesquisa.com. **Getúlio Vargas e a Era Vargas**. Disponível em: <http://www.suapesquisa.com/vargas/>>. Acesso em: 03 dez 2011.

Obras consultadas

ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SCHWARTZMAN, Simon. **Desenvolvimento e abertura política**. Dados, revista de Ciências Sociais, 6, 1969, 24-56. Disponível em: <http://www.schwartzman.org.br/simon/abertura.htm>> Acesso em: 08 nov 2011.